



A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: ANÁLISE DO APLICATIVO UBER EATS.

Raquel Lins Brandão^{1*}

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9262-4600>

¹Discente da Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio Branco, Acre, Brasil.

*raquelbrandao40@gmail.com

Recebido em: 29/05/2021. Aceito em: 28/06/2021. Publicado em: 30/07/2021

DOI: <https://doi.org/10.47418/uaquiri.vol3.n1.2021.5070>

RESUMO

Este artigo se propõe a fazer uma análise sobre a tecnologia como um mecanismo de degradação do trabalho, utilizado pelo capitalismo, para subjugar e alienar seus trabalhadores, focando no caso do aplicativo de entrega de refeições Uber Eats. Tem como objetivo principal examinar as condições de trabalho altamente prejudiciais em que os funcionários são sujeitos, e o papel da falácia do empreendedorismo nesse cenário. Para isso, foram necessários discussões e análises de textos, leituras e sistematizações de obras bases para entender o capitalismo e suas facetas, a gradativa degradação do trabalho e como isso afeta diretamente os trabalhadores, além de textos, artigos e reportagens sobre o aplicativo em si, possibilitando desta forma um panorama acerca do quão prejudiciais são esses novos mecanismos trabalhistas que estão se colocando em vigência nos últimos anos.

Palavras-chave: Capitalismo; Trabalho; e Uber Eats.

THE PRECARIOUSNESS OF LABOR: ANALYSIS OF UBER EATS APP

ABSTRACT

This article pretends to make an analysis about the technology as a mechanism of degradation of labor use by capitalism to subdue and alienate its workers, focusing on the delivery app of meals Uber Eats. It has as main aim to exanimate the work conditions highly injurious whereupon workers submit, and the role of the entrepreneurship fallacy in this scenario. For this, it was necessary discussions and analysis of wording, reading and systematization of base textual works. Making possible, in this way, a panorama around how prejudicial are these new labor mechanisms that are taking effect in recent years.

Key words: Capitalism; Labor; Uber Eats.

LA PRECARIEDAD DEL TRABAJO: ANÁLISI DEL APLICACIÓN UBER EATS.

RESUMEN

Este artículo se propone realizar un análisis sobre la tecnología como mecanismo de degradación del trabajo utilizado por el capitalismo para someter y alienar a sus trabajadores. Enfocado en el caso de la aplicación de entrega de comidas Uber Eats, este trabajo tiene como objetivo principal, examinar las

condiciones de trabajo altamente perjudiciales a los que los trabajadores son sometidos y el papel engañoso del emprendedurismo en este escenario. Para esto, fueron necesarias discusiones y análisis de textos, lecturas y sistematizaciones de obras fundamentales para entender el capitalismo y sus facetas, la progresiva degradación del trabajo y como eso afecta directamente a los trabajadores, además de textos, artículos y reportajes sobre el aplicativo en sí. Posibilitando, de esta forma, tener un panorama acerca de cuan perjudiciales son estos nuevos mecanismos laborales que vienen siendo adoptando en los últimos años.

Palabras clave: Capitalismo, Trabajo, Uber Eats.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a fazer uma sucinta análise sobre o capitalismo e a crise estrutural que o atingiu nos últimos tempos, resultando no surgimento de novas formas de trabalho, que são pautadas nos conceitos de globalização e tecnologia, originando a constituição dos trabalhadores de aplicativos digitais, integrados nesse novo mecanismo global de serviços.

O recorte aqui ocorrerá no aplicativo de entrega de refeições Uber Eats, buscando mostrar a realidade laboral diária que esses trabalhadores enfrentam, descobrindo as diversas formas de degradação e flexibilização evidenciadas nesse tipo de trabalho. O que nos permite analisar e constatar como se processa a relação entre o trabalhador e o aplicativo.

Em decorrência disso, será possível compreender a lógica do sistema capitalista e suas novas estratégias diante do processo de acumulação flexível, que tem gerado novas morfologias do trabalho como a terceirização e informalidade juntamente com a precarização do trabalho e flexibilização da legislação trabalhista.

Desta forma buscando entender o que levou esses trabalhadores a escolherem esse tipo de trabalho, porque esse aplicativo tem alcançado tanto espaço, e qual a razão para que uma parcela significativa de pessoas tenha encontrado como única saída para garantir uma fonte de renda o trabalho em aplicativo, aceitando desta forma condições cotidianas altamente precárias.

Como elencado por Antunes (2020), está ocorrendo um processo no qual as relações de trabalho são crescentemente individualizadas e invisibilizadas, levando ao aumento da exploração do trabalho e o desmonte nas responsabilidades dos contratantes e nos direitos trabalhistas dos contratados, que são cada vez mais obliterados.

Com isso, o artigo se estrutura de modo a fazer uma reflexão sobre o papel do sistema capitalista na consolidação do mundo do trabalho que temos atualmente, para em seguida focar especificamente no aplicativo em si e em sua relação com os trabalhadores digitais.

2. METODOLOGIA

Inicialmente a discussão e temas abordados para a elaboração deste artigo ocorreram durante as aulas da disciplina Geografia do Trabalho e Conflitos Territoriais na Amazônia, ministrada pelo professor Dr. José Alves, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Acre. Em seguida, foram efetuadas diversas leituras e sistematizações dos textos disponibilizados na disciplina, tais como Geografia do trabalho por inteiro de Antonio Thomaz Junior, Os sentidos do trabalho de Ricardo Antunes, A Geografia do espaço-mundo de Ruy Moreira, e a tese de doutorado As revoltas dos trabalhadores em Jirau (RO) de José Alvez, e também em outros livros, artigos e reportagens pesquisados por conta própria, com o objetivo de criar embasamento teórico suficiente para discorrer sobre o tema.

Assim, a discussão realizada se propõe a estudar o caso dos entregadores do aplicativo Uber Eats, de modo qualitativo, buscando analisar o fenômeno na medida em que ocorre, com auxílio de pesquisas bibliográficas, que permitem identificar os fatores responsáveis pelo crescimento vertiginoso desse modelo de trabalho, refletindo assim acerca da realidade observada.

Para isso foi utilizado a leitura e pesquisa de livros, artigos e reportagens que tratam especificamente do aplicativo Uber Eats, assim como leitura de reportagens e análise de vídeos e entrevistas feitas com entregadores de aplicativo, de modo a analisar as condições encontradas diariamente na execução desse tipo de serviço.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A precarização do trabalho a partir do advento do sistema capitalista de produção.

A história da humanidade se desenvolve em uma relação profunda com o trabalho, pois foi a partir do momento em que as sociedades começaram a se apropriar da natureza e encontrar mecanismos de subsistência, que se iniciou a constituição dos primeiros grupos humanos, que posteriormente levaram a organização das sociedades.

Moreira (2016) afirma que toda sociedade tem sua fonte de origem no trabalho, e que este seria a atividade prática de gerar produtos a partir da relação de transformação dos elementos naturais, cujo modo específico de ser depende do caráter da relação de propriedade dos meios de produção. Enfatizando que se pode falar de diversos tipos de trabalho, tais como, o comunitário, escravo, servil, assalariado, variando de acordo com a sociedade que o está desenvolvendo. Trabalho seria então,

[...] atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição natural eterna da vida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais. (MARX, 2010, p. 218).

Desta forma, o trabalho é uma atividade que utiliza os recursos existentes para a satisfação dos anseios humanos e para o estabelecimento de um sistema de trocas entre os seres para otimizar os insumos produzidos. Uma forma primária de organização comercial, que gerou benefícios para os seres sociais que o compunham.

Todavia, essa atividade que objetivava criar elementos necessários ao uso cotidiano, beneficiando a humanidade, vai se transmutar com o advento do sistema capitalista de produção, em atividade destinada a geração de lucros. A lógica capitalista colocou a natureza em um patamar de recurso a ser utilizado para um determinado fim, e a relação sociedade e natureza passou a ocorrer somente nessa perspectiva, voltada para o valor de troca dos elementos.

Antunes (2009) afirma que o capital é uma dinâmica de dominação e mediação reprodutiva, que subordina estritamente todas as funções reprodutivas sociais, seja das relações desenvolvidas ou dos materiais produzidos, que são apropriados pelo capital para sua expansão e reprodução.

Essa é a base do sistema capitalista, a natureza apropriada oferece abundantemente as matérias-primas necessárias para que a produção possa se desenvolver, e a humanidade oferece a mão de obra para transformação desses insumos em produtos que serão comercializados para a sociedade em geral. Esse processo que resultará no consumo do elemento final produzido, proporciona o lucro ao sistema e, desta forma, instaura o valor de troca como essencial.

Nesse contexto, ocorre a separação do homem e dos meios de produção, o capitalismo usurpa esses dois seres, se apropriando dos recursos e do trabalho realizado pelo sujeito. Dessa maneira, os mercantilizando, levando somente alguns indivíduos a terem acesso a esses elementos, fazendo com que o benefício e controle desses componentes fique exclusivamente restrito a um grupo de pessoas, tornando-os propriedade privada.

Assim, o valor de troca estabelecido pelo capital determina que tudo aquilo que for produzido deve acarretar em ganhos, pois só assim a produção terá sentido. Com isso, o valor de uso é totalmente desconsiderado e substituído pelo valor de troca, mesmo os produtos destinados a satisfação de necessidades básicas devem, no final do ciclo produtivo, gerar montantes para o capital. Esse sistema vai se consolidar mundialmente, gerando fortes consequências no mundo do trabalho. Assim,

Separa os trabalhadores e os meios de trabalho, deixando na propriedade dos trabalhadores exclusivamente sua força de trabalho e passando à propriedade do capital o conjunto dos meios de produção, forçando a classe trabalhadora a ter de vender sua força de trabalho por uma quantidade diária de horas-trabalho [...] como forma e condição de ingresso no circuito do mercado, recebendo em troca um pagamento em dinheiro, o salário, que o trabalhador usa para comprar no mercado os meios de subsistência de que necessita para reproduzir-se como ser vivo. (MOREIRA, 2016, p.58).

Contudo, nas últimas décadas o capitalismo passou por um período de transformações, que repercutiu de maneira significativa nesse mundo do trabalho a nível global, devido ao processo que Mészáros (2011) chama de “crise estrutural e sistêmica”. Essa crise deu seus primeiros sinais nos anos de 1970, pela queda da taxa de lucro, esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista de produção, crescimento excessivo da esfera financeira, crise do Welfare State e o advento evidente das privatizações. Na tentativa de sair da crise, o capital começou a se reestruturar, com uma nova ideologia e política de controle, notadamente a adoção do neoliberalismo, diminuição de direitos trabalhistas, privatizações, novas formas de trabalho como o empreendedorismo, colaboradores, trabalho intermitente, ocasionando uma precarização total. (ANTUNES, 2009).

Com isso, o capitalismo evidenciou sua intenção de diminuir cada vez mais o trabalho estável, para dar espaço as diversas formas de trabalho parcial. Assim, como discutido por Antunes “as mutações em curso são expressão da reorganização do capital com vistas à retomada do seu patamar de acumulação e ao seu projeto global de dominação.” (2009, p.52).

Importante ressaltar que essas estratégias adotadas, evidenciam que o processo de reestruturação do capital se realizou através da intensificação do mecanismo de exploração do trabalho, explicitando o fato de que o capital não encontra novas alternativas e só se aprofunda nos seus modos de subjugação do trabalhador e do trabalho, como discutido por Ponte (2014).

Além disso, é importante destacar que o capital começou a reduzir o tempo de vida útil dos produtos, pois assim iria:

Aumentar a velocidade do circuito produtivo e desse modo ampliar a velocidade da produção de valores de troca, faz com que a “qualidade total” seja, na maior parte das vezes, o *invólucro*, a *aparência* ou o aprimoramento do *superfluo*, uma vez que os produtos devem durar pouco e ter uma reposição ágil no mercado. A “qualidade total”, por isso, não pode se contrapor à taxa de utilização decrescente do valor de uso das mercadorias, mas deve adequar-se ao sistema de metabolismo socioeconômico do capital, afetando desse modo tanto a produção de bens e serviços como as instalações e maquinarias e a própria força humana de trabalho. (ANTUNES, 2009, p.52, grifo do autor).

Como resultado, o capitalismo desdobrou-se em dois pontos centrais: a diminuição do tempo de vida útil dos produtos, o que levaria a busca por novos de modo mais recorrente; e a

construção de um ideal de vida e sucesso, que se baseia no quantitativo de bens e rendas que uma pessoa possui. Com isso, as vontades sociais são induzidas para servir ao mercado, as necessidades capitalistas, gerando uma transformação no modo de vida das sociedades.

Esse processo de mercantilização absoluta e de incentivo ao consumo desenfreado, se estabelecem no íntimo do humano como o ápice da felicidade e sucesso. À vista disso, se desenrola a crença na necessidade de trabalhar mais com a expectativa ingênua de ter mais dinheiro para comprar o máximo de produtos possíveis, que garantirão o correto desfrute da vida.

Este cenário demonstra a autovalorização dos rendimentos capitalistas em relação a vida humana, o sujeito é desprezado nesse circuito, suas vontades são desconsideradas. A humanidade se transmuta em algo inerte e apático, que para o capitalismo é só mais uma mercadoria a ser utilizada no cumprimento do necessário para a manutenção do sistema, ambicionando o aumento de rendimentos, que se mascaram em discursos de crescimento econômico enquanto anulam as relações humanas e sociais.

Isso nos leva a conclusão chegada por Cantor (2019), quando afirma que com a universalização do capitalismo, criou-se uma total subsunção da vida humana ao capital, isto é, todos os aspectos da vida foram mercantilizados e submetidos à tirania desse sistema, portanto o capital oblitera a separação que havia entre tempo de trabalho e tempo livre.

Assim, concordamos com a afirmação de que

Emergiu, no curso da história, como uma estrutura de controle ‘totalizante’ das mais poderosas. (...) dentro da qual tudo, inclusive os seres humanos, deve ajustar-se, escolhendo entre aceitar sua ‘viabilidade produtiva’ ou, ao contrário, perecendo. Não se pode pensar em outro sistema de controle maior e mais inexorável – e, nesse sentido, ‘totalitário’ – do que o sistema de capital globalmente dominante”, que impõe “seu critério de viabilidade em tudo [...] desde as mais íntimas relações pessoais até os mais complexos processos de tomada de decisão no âmbito dos monopólios industriais, favorecendo sempre os mais fortes contra os mais fracos. (MÉSZÁROS, 1995 apud ANTUNES, 2009).

Mostrando a capacidade do capitalismo em se colocar como ferramenta de dominação em relação aos seres humanos, impondo sua totalidade e o anseio de que suas necessidades devam ser cumpridas impreterivelmente, atingindo todas as esferas da vida em sociedade e subjogando as vontades humanas aos imperativos capitalistas.

3.2 Uber, o novo ambiente de degradação do trabalho.

Diante do contexto abordado, ocorreu o surgimento da era digital no século XX, esse advento tecnológico passou a ter cada vez mais espaço no cotidiano geral. Sua eclosão e todas as vantagens que se sucederam pareciam indicar o início de uma nova fase, onde o trabalhador poderia otimizar seu tempo e ocupar-se menos, montando grupos de trabalho pelo WhatsApp para decisões rápidas, fazendo reuniões via Skype, preparando relatórios e mandando para o chefe no conforto da sua casa via e-mail, enfim, o labor diário passaria a ser substituído pela facilidade que os meios digitais proporcionariam. Contudo,

Ao contrário da eliminação completa do trabalho pelo maquinário informacional-digital, estamos presenciando o advento e a expansão monumental do *novo proletariado da era digital*, cujos trabalhos, mais ou menos intermitentes, mais ou menos constantes, ganharam novo impulso com as TICs, que conectam, pelos celulares, as mais distintas modalidades de trabalho. Portanto, em vez do *fim do trabalho na era digital*, estamos vivenciando o *crescimento exponencial do novo proletariado de serviços*, uma variante global do que se pode denominar *escravidão digital*. (ANTUNES, 2018, p. 30, grifo do autor).

Importante ressaltar aqui que o problema em si não é a tecnologia, mas o modo como o capitalismo se apropriou dela, deixando assim de ser algo favorável para a sociedade e se transformando em ferramenta de obtenção de lucros, como exposto por Prieb e Carcanholo (2011).

É nesse cenário que se manifesta uma nova morfologia do trabalho, o caso dos trabalhadores de aplicativos digitais da empresa Uber Eats - estadunidense, em atuação desde 2010 no Brasil¹. Essa empresa evidencia um novo tipo de negócio, conhecido como a Economia do Compartilhamento, uma nova onda empresarial surgida a alguns anos e que levou a Uber a um crescimento vertiginoso em relação as indústrias tradicionais.

De acordo com Slee (2017), a Economia do Compartilhamento é uma onda de novos negócios que usam a internet para conectar consumidores com provedores de serviço para trocas no mundo físico, estabelecendo o comércio digital e prometendo ajudar prioritariamente indivíduos a se tornarem microempresários.

Respaldados nesse princípio, influenciando o processo de autogerenciamento, da ilusão de tomada de controle, temos um novo modelo flexível de trabalho onde os funcionários que se cadastram na plataforma da Uber são denominados de “parceiros” e colocados à frente de cenários de empreendedorismo, tais como: faça suas corridas quando quiser; ganhe dinheiro

¹ De acordo com o site da Uber: <https://www.uber.com/br/pt-br/>, 17 de novembro de 2019.

dirigindo no seu tempo; seja dono do seu próprio destino; ganhe dinheiro e atinja suas metas pessoais¹, entre outras falas.

Entretanto na prática essa empresa exemplifica as novas exigências do capital ao trabalhador, tais como: a flexibilidade e disponibilidade total, pois não existem horários pré-estabelecidos; não pagamento de um salário, se esse trabalhador apresentar problemas de saúde não terá nenhum respaldo, e ficará os dias de atestado médico sem receber; sem direitos trabalhistas de férias, décimo terceiro, seguro desemprego, dentre outros; além da pressão para cumprimento de metas que esses trabalhadores estão sujeitos.

Mais uma vez, o que poderia ser uma oportunidade de emprego ou de complementação da renda, leva o trabalhador a ficar subordinado a lógica capitalista de dominação, que o “aprisiona” nesse processo altamente degradante, onde a única preocupação é a geração cada vez maior de lucros, e o trabalhador se torna um agente que é massivamente engolido por todo esse mecanismo. Pois:

[...] o desenvolvimento das forças produtivas introduz uma nova qualidade ao capitalismo, revolucionando as formas de exploração do trabalho e da acumulação do capital, fazendo com que cada vez mais o trabalhador seja conduzido a uma situação de subordinação ao capital e com que o trabalho se desqualifique e se deprecie com o fim dos ofícios efetuado pela divisão do trabalho. (PRIEB; CARCANHOLO, 2011, p. 156).

Tem-se, então, trabalhadores que exercem funções em péssimas condições, o que nos leva a entender que a sociedade do trabalho passa por um momento sombrio de sua história, com o crescimento acelerado da fugacidade e apodrecimento dos empregos e da vida humana.

Ao contrário do que é colocado pelas grandes empresas, que muitas vezes usam até do discurso da sustentabilidade para se promoverem e simularem preocupações ambientais, como o caso da Uber, que no seu site diz que uma das preocupações e objetivo da empresa é diminuir a necessidade de se ter um carro “evitando emissões de poluentes e consumo de combustível”, de acordo com o site oficial da Uber: <https://www.uber.com/br/pt-br/>.²

Mas a verdade é que essas empresas estão interessadas principalmente em aumentar os seus lucros, e exercer o mínimo possível de responsabilidade para com os seus trabalhadores, sobretudo pelo funcionamento e vinculação com essas plataformas digitais que ocorre praticamente de forma online.

¹ De acordo com o site da Uber: <https://www.uber.com/br/pt-br/drive/how-it-works/>, 14 de maio de 2021

² Acesso em 17 de novembro de 2019.

O trabalhador que deseja começar a exercer a função de entregador no Uber Eats por exemplo, se cadastra no aplicativo pela internet (onde pode sanar todas as dúvidas e entender as condições impostas) e decide qual será seu meio de trabalho, se o veículo escolhido para fazer as entregas for bicicleta, o trabalhador só precisa ir ao escritório da referida empresa buscar e pagar a mochila para carregar as refeições, no caso de motocicletas existe a necessidade de após o cadastro efetuar no Detran exame psicotécnico e de vista, pois só assim sua licença para começar a utilizar o aplicativo será liberada.¹

Após esse cadastro, o trabalhador organiza seus horários, e trabalha horas corridas sem descanso, utilizando seu próprio meio de locomoção, e arcando com gastos como o abastecimento, realização de manutenções periódicas que garantam o bom funcionamento do veículo, e por consequência a possibilidade de continuar trabalhando.

Um ofício com condições que não permitem intervalo entre as corridas, pois existe um prazo para que se chegue nos restaurantes que, se não atendido, acarreta no desligamento do aplicativo por determinado tempo, impossibilitando a realização de novas entregas e produzindo uma pressão naquele trabalhador, que se não poder estar disponível para uso do aplicativo a cada instante precisa desligá-lo. E, além disso, não tem garantias para si mesmo ou seu transporte em caso de acidente, pois a responsabilidade não recai nas empresas na maioria dos casos.

Segundo uma pesquisa publicada na BBC Brasil em 2019, realizada pelo Instituto de Pesquisa Locomotiva, existem mais de 5,5 milhões de pessoas cadastradas em aplicativos de entrega no Brasil, um número extraordinariamente considerável de trabalhadores inseridos nessa lógica. Alguns entrevistados elencaram como pontos negativos desse tipo de trabalho a gasolina, multas e impostos, se esquecendo do desgaste do veículo e de sua própria saúde. A reportagem elenca uma questão muito interessante, o surgimento de um novo modelo de patrão, sem rosto nem escritório, e que ainda exerce seu poder sobre os trabalhadores, e sabe de absolutamente tudo, o trajeto, o tempo, os desvios, a localização (informações a que nenhum superior jamais teve acesso, e basta que o aplicativo esteja ligado), alguns o denominaram de algoritmo.

Ainda de acordo com a reportagem, a propaganda feita pelos aplicativos, leva o trabalhador a acreditar em benesses do tipo “seja seu próprio patrão”, como salientado na fala do professor de sociologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Giovanni Alves, que foi

¹ Informações verbais, retiradas de entrevista realizada com “entregador 1”, em novembro de 2019.

entrevistado pela BBC: “O discurso ajuda o sujeito a se adaptar: você não vai mais depender de uma organização, agora você pode ser empreendedor, você é o responsável. Isso casa com um anseio verdadeiro das pessoas, que querem ter liberdade”.¹

Outro ponto discutido, diz respeito à questão da individualidade, muito perceptível durante a leitura da matéria publicada, pois o sucesso ou o fracasso daquele trabalhador recai unicamente nele mesmo, não são mensurados os aplicativos em si e a ausência de parceria e apoio, a política dessas plataformas, a conjuntura na qual o país se encontra, todos esses fatores são desconsiderados para se levar em conta quantas horas aquele trabalhador está disposto a fazer entregas.

Isso gera um contexto de submissão do trabalhador a qualquer oferta e oportunidade encontrada, tendo em vista que se depende só dele, um estado de bem-estar social poderá ser alcançado. Portanto,

A ação do capital transformando os processos de trabalho e seus resultados em valores de troca, submete o trabalho, de elemento humanizador, em elemento de dominação. Em outras palavras, *não é o trabalho o agente de dominação, mas as relações sob o capital que o tornam condição de prisão do homem, já que o trabalho também se constitui condição para a emancipação humana.* Assim, sob o modo capitalista de produção, contraditoriamente, o trabalho é transformado em algo alheio ao processo de emancipação do homem, exterior a si mesmo. O trabalho estranhado, alienado, separa o ser humano da sua condição de sujeito na relação homem-natureza e homem-homem, o que se materializa historicamente no distanciamento engendrado pelo capital entre o homem e os meios de produção, consubstanciando-se na propriedade privada, bem como na relação de assalariamento pelo processo de dominação entre sujeitos. (ALVES, 2014, p.98, grifo nosso).

Essa nova morfologia do trabalho gerou um ambiente de precarização, como lócus do capitalismo, tendo na tecnologia seu mais novo campo de realização, fazendo com que a modalidade de trabalho nos aplicativos deixasse de ser esporádica e se tornasse efetiva. Essa efetividade, se pauta em dois elementos: primeiro, as pretensas vantagens encontradas, como a questão de “autonomia”, flexibilização de horários, dinheiro rápido e “fácil”, salários (dependendo das jornadas de trabalho) maiores do que de alguns empregos com carteira assinada, para citar alguns exemplos; segundo, o índice de desemprego altíssimo que assola o país e que faz com que muitos trabalhadores encontrem nesses aplicativos a única saída para uma renda no final do mês.

Para exemplificar, podemos falar do caso de um trabalhador cadeirante do Uber Eats, que diante do desemprego que o acometia há cerca de um ano, e da justiça não aceitar sua

¹ Informação verbal disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49884077>.

aposentadoria por invalidez, devido a poliomielite que teve na infância, encontrou no aplicativo sua única saída como meio de subsistência, de acordo com matéria do jornal online G1.¹

Ainda de acordo com a reportagem as dificuldades encontradas pelo trabalhador são diversas, tanto os buracos e ladeiras na hora da locomoção, os apuros dos dias chuvosos, além de muitas vezes suas entregas serem canceladas pelos usuários devido ao tempo que demora para chegar ao destino, mostrando a precariedade de condições que o mesmo é submetido cotidianamente, tendo que trabalhar seis dias por semana, com jornadas diárias de longas horas, pois muitas vezes ele demora mais de uma hora somente com uma entrega, para ao final do mês ter uma renda de aproximadamente quatrocentos reais. Ainda de acordo com a reportagem, quem vê o trabalhador nas ruas não entende a seriedade da situação, e dirige a ele comentários do tipo “você é incrível” e “não está por aí se vitimizando”, demonstrando a total alienação social feita pelo capitalismo, que leva as pessoas a não enxergarem o absurdo e gravidade presentes numa situação de trabalho altamente prejudicial como essa. Prejuízo esse claramente demonstrado na fala de Ricardo Antunes, quando afirma que:

[...] expande-se a praga da precariedade total, que surrupia ainda mais os direitos vigentes. Se essa lógica não for radicalmente confrontada e obstada, os novos proletários dos serviços se encontrarão entre uma realidade triste e outra trágica: oscilarão entre o desemprego completo e, na melhor das hipóteses, a disponibilidade para tentar obter o *privilégio da servidão*. (ANTUNES, 2018, p.34, grifo do autor).

Assim sendo, o homem se torna escravo do seu próprio trabalho, com o capitalismo sempre encontrando formas de subordinação e exploração, que fazem com que a servidão pareça um benefício, ou como demonstrado anteriormente motivo de orgulho.

A crise do capital levou a altíssimos índices de desemprego que só tornam esse trabalhador mais inserido nessa lógica subordinante, pois assim um exército de reserva será gerado para satisfazer as necessidades do capital, que mesmo em seus momentos de crise nunca sai perdendo, e essa massa de trabalhadores sem serviço, quando consegue uma oportunidade acha que tem sorte ou uma vantagem e se submete as mais esdrúxulas condições.

Desta forma, se levarmos em consideração que a era digital modificou áreas como educação, vida cotidiana, saúde e até mesmo relações pessoais e amorosas, seria impensável desconsiderar as alterações grandiosas que geraria no mundo do trabalho, proporcionando novos vínculos empregatícios, novos modos de subordinação, novas ilusões e alienações, para

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/02/18/oito-horas-sem-comer-so-consegui-tomar-agua-o-cadeirante-que-entrega-comidas-por-aplicativos-na-avenida-paulista.ghtml>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2020.

não falar de uma crueldade velada que se já existia quando pessoas eram sujeitas a pessoas, quanto mais agora que o “carrasco” se esconde atrás de telas e cliques, o que torna ainda mais difícil buscar maneiras de resistência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a análise feita no artigo se propôs a abordar o modo como o capitalismo no seu processo de degradação do trabalho, se apropriou da tecnologia como um novo modo de criar relações trabalhistas precárias. Exemplificadas no caso do aplicativo Uber Eats onde se manifestou tipos de trabalho informais, auto exploratórios e onde o contratante não exerce nenhuma responsabilidade com seu empregado, que não possui qualquer direito ou segurança, principalmente com a falácia de “empreendedorismo” que impele o trabalhador a se sentir autônomo, quando na realidade laboral cotidiana se observa relações de exploração e controle da empresa-aplicativo.

Assim, muitos dos trabalhadores inseridos nessa lógica, acreditam que só fazem uso desses aplicativos para complementação da sua renda (o que gera extensivas horas de trabalho diariamente, sem amparo das leis trabalhistas e utilizando instrumentos de trabalho que ele mesmo precisa fornecer), ou que esse modo de trabalho foi uma escolha individual, sem considerar as nuances capitalistas que só proporcionam em muitos casos esse único método para subsistência, diante da ineficiência do sistema em gerar empregos formais.

Deste modo, possibilitou uma reflexão na tentativa de entender o capitalismo como mecanismo que degrada, oprime, subjuga e explora os trabalhadores de maneira generalizada, modificando a chamada sociedade, em uma sociedade do trabalho e da alienação. E com o intuito de abrir parâmetros para a discussão da tecnologia como a mais recente e importante ferramenta utilizada pelo capitalismo para ter mão de obra trabalhando e o lucro crescendo gradativamente.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, José. **As revoltas dos trabalhadores em Jirau (RO):** Degradação do trabalho represada na produção de energia elétrica na Amazônia. 2014. 671 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente (SP).

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da Indústria 4.0. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BBC. **‘Oito horas sem comer, só consegui tomar água’**: o cadeirante que entrega comidas por aplicativos na avenida Paulista. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/02/18/oito-horas-sem-comer-so-conseguir-tomar-agua-o-cadeirante-que-entrega-comidas-por-aplicativos-na-avenida-paulista.ghtml>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2020.

CANTOR, Renán Veja. A expropriação do tempo no capitalismo atual. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV**: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida. São Paulo: Boitempo, 2019.

FAGUNDEZ, Ingrid. **Como ser ‘top’**: Ubers viram youtubers e faturam ensinando segredo do sucesso a motoristas e entregadores. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49884077>. Acesso em: 31 de outubro de 2019.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política – livro I. Tradução SANT’ANNA, Reginaldo, 27 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOREIRA, Ruy. **A geografia do espaço-mundo**: conflitos e superações no espaço do capital. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016.

PONTE, Karina Furini da. **O desenvolvimento sustentável e o controle social da natureza e do trabalho**: um estudo a partir da fábrica de preservativos masculinos de Xapuri (AC). 2014. 360f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente (SP).

PRIEB, Sérgio A. M.; CARCANHOLO, Reinaldo A. O trabalho em Marx. In: CARCANHOLO, Reinaldo (org.). **Capital**: essência e aparência. Vol. 1. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SLEE, Tom. **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Editora Elefante, 2017.